



A PRÁTICA DA SALA DE AULA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA SOB A OTICÁ DO PIBID VIVENCIADA NA ESCOLA MUNICIPAL DR. GERSON JATOBÁ LEITE.

Mayara Azevedo de Souza¹
Brunemberg da Silva Soares²
José Adelson Lopes Peixoto³

RESUMO

Este texto tem como objetivo descrever experiências vivenciadas pelo PIBID, mostrando sua contribuição no desenvolvimento de metodologias e práticas em sala de aula, onde observamos que o programa apresenta possibilidades que colaboram com as aulas de história tendo em vista um melhor aproveitamento no ensino/aprendizagem por parte dos alunos, com aulas mais dinâmicas e diversificadas que buscam chamar a atenção para o conteúdo de forma mais leve. Este trabalho foi produzido a partir da observação participante feita nas cinco turmas de 9º ano da Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, localizada na Zona Urbana de Palmeira dos Índios, com realização de atividades diversas nas turmas e produção de fotografias durante a execução do programa na escola. Fundamentamos nossa pesquisa em autores que refletem sobre a temática do ensino, a exemplo de Monteiro (2002), Freire (1996) e Nóvoa (2001). A observação participante se deu a partir dos estudos de Oliveira (1995). Com esta pesquisa concluímos que as experiências proporcionadas pelo PIBID, ao antecipar o contato entre professores e aluno, são de fundamental importância no campo da iniciação à docência, pois permitem ao docente a prática da sala de aula antes de sua formação final, tendo em vista que todo conhecimento adquirido será de grande valia para sua formação profissional e pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; História; Pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduando em Licenciatura do Curso de História da Universidade Estadual De Alagoas – UNEAL, bolsista do PIBID, financiado pela CAPES, mayara.azevedo.2021@alunos.uneal.com.edu.br

² Professor efetivo da Rede Municipal de Educação de Palmeira Dos Índios, Escola Dr. Gerson Jatobá Leite. Bolsista Supervisor do PIBID, Financiado pela CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: brunemberg@gmail.com.

³ Professor titular do curso de História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL-III). E-mail; adelsonlopes@uneal.edu.br

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre experiências vivenciadas na sala de aula a partir da observação participante feita nas cinco turmas de 9º ano da Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, com a introdução do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), isso possibilitou aprendermos práticas e metodologias de ensino que buscam fugir das chamadas práticas tradicionais. Desse modo, as ações do PIBID promovem um ensino de História mais diversificado e dialogado, despertando o interesse dos alunos para as aulas.

Atuamos nas turmas de 9º ano A, B, C, D e E, da referida escola sob orientação do professor responsável pelas turmas, notamos que a escola tem um número significativo de alunos com deficiência. As turmas em que trabalhamos possuíam alunos com necessidades especiais, eles sempre estavam acompanhados de uma auxiliar durante todo o tempo em que permaneciam na aula, por terem suas necessidades específicas as atividades feitas por estes estudantes eram sempre elaboradas pelo professor responsável da turma que junto da auxiliar planejava atividades específica para o seu ensino e aprendizagem.

Mesmo que esses alunos não sejam o foco principal do artigo é importante citá-los, pois estão inseridos na escola, e as universidades têm obrigação de planejar seus currículos direcionando disciplinas que preparem os graduandos para atuar em escolas que promovem essa inclusão de estudantes com deficiência, sendo assim formará profissionais mais capacitados.

Observamos e participamos das aulas durante nossa atuação no programa, ministramos oficinas nas aulas de História visando tornar a aprendizagem dos assuntos curriculares mais dinâmicos e significativos, transformando a sala de aula um espaço onde os alunos aprendem os conteúdos propostos e participam ativamente das aulas com um material mais diversificado, propondo atividades práticas e dinâmicas a fim de chama a atenção da turma durante nossa atuação na escola.

Fundamentamos a análise da pesquisa a partir da observação nas turmas de 9º ano já citadas no texto com produção de fotografias e atividades realizadas durante as aulas de História. O embasamento teórico foi feito sobre os pressupostos de autores que estudam e refletem a História a exemplo de Monteiro (2002), Freire (1996) e Nóvoa (2003), que abordam a importância da educação na formação social e



educacional dos alunos. A metodologia de observação foi ancorada em Oliveira (1995), que destaca a relevância em ouvir, olhar e escrever em uma produção textual.

Ao ingressar na referida escola, a primeira atividade realizada foi observar o ambiente ao qual trabalharíamos ao longo dos meses de atuação do programa. Naquele primeiro momento foi realizada uma observação de como se estrutura a escola, identificação dos ambientes que compõe a instituição, podendo, assim, facilitar na aplicação das respectivas atribuições. Ainda visitamos as salas, analisamos o ambiente e conhecemos as turmas nas quais atuaríamos semanalmente. Esse primeiro momento é essencialmente e importante pois conhecer melhor o ambiente facilita no desenvolvimento das atividades do programa, tendo em vistas os ambientes disponíveis para atuação.

Após a observação do ambiente escolar fomos conhecer melhor as turmas de nono ano e um pouco sobre os alunos, essa observação serviu para nos auxiliar no diagnóstico sobre as turmas; questões relacionadas a comportamento, participação e conversas paralelas, fazendo com que essas informações contribuíssem para a incorporação das oficinas do programa. Nesse primeiro contato tivemos também a oportunidade de nos apresentar e falar um pouco a respeito das atividades que seriam introduzidas nas aulas de História e apresentá-los o Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Planejar inicialmente foi um desafio, pois, é algo que não estamos habituados a fazer, mas dentro da escola é algo essencial, sem planejamento nada é feito. Essa foi a primeira experiência desafiadora encontrada, tendo em vista que as escolas têm um calendário a seguir com datas fixas que não podem ser modificadas. Desse modo, cada assunto abordado nos bimestres precisava ser planejado, tendo em vista a introdução das oficinas de acordo com os temas que estavam inseridos no calendário escolar.

Para tanto, realizamos reuniões que apesar das ideias e pensamentos diferentes, sempre deram certo. Dessa forma, conseguimos trabalhar conteúdos regulares junto as oficinas, isso nos possibilitou aprender a desenvolver melhor as aulas, compreendendo o que mais se adequava a cada turma, tendo a concepção do que era possível ser desenvolvido e o que não dava para ser realizado. Assim vivenciamos, na prática, a rotina de um professor, planejando e refletindo sobre atividades que seriam mais significativas para o aprendizado dos alunos.

Iniciamos nossas atividades com oficinas sobre a Segunda Guerra Mundial, inicialmente disponibilizamos um texto com pontos importantes acerca do título principal, tais como; as fases, causas, consequências e o Dia D, seguido de uma atividade para avaliar se a turma estava atenta a explicação. Foram questões que buscaram incentivar uma reflexão sobre os antecedentes do conflito. Vale ressaltar que fomos iniciando o assunto, dividindo-o em partes para que os alunos conseguissem entender melhor a explicação e não ficassem dispersos; os conteúdos que compõem esse tema foram trabalhados gradualmente.

Dessa forma, fizemos uma leitura seguida de explicação, a cada ponto lido parávamos para explicar o que tínhamos visto, dando abertura para que os alunos pudessem tirar dúvidas, buscando propor uma reflexão, tendo em vista a opinião e contribuição de cada um na aula. Isso tornou o ambiente escolar um espaço mais prazeroso e ativo no qual muitos participam, ao contrário de metodologias que inibem a participação dos estudantes.

Em continuidade ao estudo sobre a Segunda Guerra Mundial, fizemos abordagens importantes, como as bombas que foram lançadas em Hiroshima e Nagasaki, os massacres que ocorreram durante todo o conflito e o Holocausto. Esses não foram todos os assuntos trabalhados, como dito anteriormente fomos explicando gradualmente, mas com esses pontos destacamos o quanto a guerra foi devastadora e deixou marcas na História até os dias atuais. Reconhecendo isso, fizemos com que os alunos refletissem sobre a sociedade atual, buscando compreender que esses acontecimentos estão ligados à sua realidade.

Utilizamos histórias em quadrinhos e super-heróis para fazer uma ligação mais próxima do conteúdo com os alunos, tendo em vista que a maioria dos adolescentes consomem milhares de filmes de heróis e que muitos nunca pararam para fazer essa relação ou não tinham interesse em perceber que alguns desses personagens foram criados a partir dos conflitos bélicos.

O Capitão América, por exemplo, traz em seu uniforme as cores da bandeira dos Estados Unidos e carrega consigo um sentimento de patriotismo que o levou a lutar contra seus inimigos para defender seu país, sendo que seus inimigos são representados por vilões que representam pessoas reais presentes durante a Segunda Guerra Mundial. Em sua primeira batalha nos quadrinhos o Capitão América aparece derrotando Adolf Hitler, a princípio isso não passa de ficção, mas quando



construímos, ao longo das aulas, as explicações sobre os acontecimentos históricos fica fácil para os alunos compreenderem a visão política e social que tais personagens querem transmitir.

Apesar de alguns alunos nunca terem pensado na ligação entre a História e o universo dos super-heróis, tendo em vista que para muitos adolescentes são apenas filmes produzidos pelo universo da Marvel, é interessante, quando possível, trazer essas conexões para explicar acontecimentos históricos, enfatizando que alguns super-heróis foram criados a partir de eventos históricos.

Dessa forma, buscamos despertar o interesse dos alunos para entender pontos fundamentais sobre acontecimentos históricos de forma mais dinâmica, mas sem deixar de frisar os eventos necessários para entender como iniciaram os conflitos e de que forma acabaram. Sendo assim, ao longo das aulas fomos conversando, refletindo e entendendo a proporção e os desdobramentos de uma guerra mundial.

Utilizar métodos não convencionais como esses tornam a aula mais didática e interessante para os alunos, nota-se que além de explorar os conteúdos propostos é importante também trazer tais temas e discussões para a realidade do aluno, fazendo com que eles aprendam relacionando os fatos aos filmes, histórias em quadrinhos, dentre outras possibilidades.

Para concluirmos o assunto iniciado realizamos uma gincana onde testamos os conhecimentos dos alunos, com um *quiz* de perguntas e respostas sobre tudo que foi explicado em sala de aula, os alunos respondiam as perguntas de acordo com o que aprenderam e ao final ganhavam prêmios simbólicos. Deste modo, notou-se que eles conseguiram aprender fatos importantes sobre a guerra e demonstraram ter bastante interesse em aulas mais dinâmicas, o que contribuiu não só para sua formação pessoal, mas também para nós pibidianos que constatamos ter possibilidades distintas para planejar nossas aulas como futuros professores de História.

2 METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa utilizamos autores que refletem sobre ensino de Histórias e práticas educacionais, destacando a importância de construir em sala de aula um ensino qualificado, focado na participação ativa dos alunos, explorando recursos que buscam trazer os conteúdos para realidade mais próxima do estudante,



despertando, assim, a curiosidade em aprender os assuntos curriculares de forma mais atrativa, como foi realizado durante as aulas sobre a Segunda Guerra Mundial.

Atividades planejadas para as turmas, discutidas em reuniões, nas quais nosso objetivo era analisar se nossa proposta estava sendo bem desenvolvida e se os alunos estavam se adaptando a elas, de maneira a contribuir em sua formação. Isso nos proporcionou acompanhar o seu desenvolvimento de forma gradual, já que nos encontrávamos semanalmente na escola para ministrar as oficinas.

Como coleta de dados buscamos relatos dos alunos que, de acordo com as semanas de desenvolvimentos do nosso planejamento, nos davam *feedbacks* positivos em relação ao ensino de História. Destacamos, aqui, a análise de Oliveira (1995), sobre a importância de olhar, ouvir e escrever em uma pesquisa. Ouvir os alunos possibilitava a continuidade do caminho traçado, mudando a rota quando necessário. Ao usarmos a oralidade dos alunos, compartilhando suas experiências positivas com o programa percebemos a contribuição significativa do PIBID para as aulas de História, fazendo com que o aluno entenda a quão importante e rica se torna toda essa experiência.

Por meio da observação participante, tivemos a visão sobre ações futuras à prática docente, visto que vivenciar a sala de aula proporcionou entender o desempenho real de um professor, de forma que todas as análises produzidas contribuíram para a produção deste texto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sala de aula pode se tornar um espaço de várias possibilidades como vimos, explorando métodos não convencionais, mas que trazem resultados positivos e significativos para as aulas, tornando o espaço de aprendizagem um campo amplo onde os alunos participam ativamente questionando, tirando dúvidas, contribuindo com seu ponto de vista e construindo pensamentos críticos e reflexivos sobre os assuntos estudados, que refletem na sua formação pessoal.

Percebemos que apenas a teoria não é suficiente para captar a atenção dos alunos, é importante buscar a integração deles por meio de abordagens didáticas que os envolvam de forma mais significativa com o assunto ministrado em sala de aula. Isso torna a aprendizagem mais compartilhada entre estudantes e professor.



É importante que a escola abra espaço para programas como o PIBID, é fundamental que a Universidade seja essa ponte que une a teoria à prática. O graduando precisa conhecer seu campo de atuação profissional mesmo antes do estágio supervisionado, necessita entender as demandas e os desafios presentes na educação, compreender seus alunos e suas necessidades específicas e isso só se torna possível praticando em sala de aula.

Como vimos ao longo do texto, a escola é inclusiva contando com um número significativos de alunos com necessidades específicas e isso é de extrema importância, pois é de direito deles frequentar escolas, ocupar espaços e desenvolverem suas potencialidades. No entanto, expressamos uma preocupação com o ensino e aprendizagem desses alunos tendo em vista que os currículos universitários não trazem disciplinas que nos “preparem” para trabalhar de maneira a atender tais necessidades, tornando-se, assim um desafio para nós graduandos.

Desse modo, pensar em metodologias que sejam inclusivas e que contribuam em sua formação não é um processo fácil, vale reforçar que não basta só incluir, necessita-se de capacitação para que as aulas de História promovam a esses alunos um ensino e aprendizado de qualidade, tendo em vista suas necessidades. Essa dificuldade encontrada na escola, frisando que se torna difícil pela falta de capacitação ofertada na licenciatura, dificulta nossa formação, por isso, é importante antecipar a imersão à sala de aula ao graduando, pois é praticando que nos capacitamos para melhorar as propostas do ensino e futuramente sermos bons profissionais da educação.

É notável o quão importante é vivenciar e participar do ambiente escolar antes do estágio supervisionado obrigatório, pois traz uma rica experiência de aprendizado relacionado à sala de aula para nós graduandos, nos possibilitando também aprender práticas metodológicas e fazendo-nos enxergar novas possibilidades no ensino da História, produzindo um material curricular que busca qualificar os alunos os fazendo refletir sobre os assuntos históricos que ocorreram e ainda ocorrem em nossa sociedade.

Sendo assim, identificamos também os desafios e as demandas que encontraremos em nossa profissão e lidamos com a realidade da profissão; nem sempre encontraremos os alunos cheios de vontade de estudar, muitas vezes isso acontece pelo cansaço de vir de outras aulas, o calor extremo que não ajuda e a



escola não dispõe de tantos recursos para ofertar um ambiente mais agradável ao estudante, além da duração das aulas, que nem sempre nos permite explorar todo o material produzido. São dificuldades com as quais aprendemos a lidar na prática e a solucioná-las de acordo com as possibilidades que temos.

Destacamos a experiência de aulas que foquem na participação ativa da turma, abrindo espaço para produzirem jornais, cartazes e poemas sobre os assuntos estudados nas aulas de História, abordando conteúdos de forma mais dinâmica e visível, assistindo a filmes que possibilitam uma reflexão histórica acerca dos assuntos. Empregamos metodologias que contribuíram para que as dificuldades não impossibilitassem o ensino e a aprendizagem dos alunos e os ajudassem a aprender os conteúdos trabalhados durante a nossa participação no programa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o Ministério da Educação (2018), a intenção do PIBID é unir secretarias tanto estaduais como municipais e as universidades públicas a favor de melhorar o ensino nas escolas e incentivar a carreira do magistério nas áreas da educação básica. Desse modo, o programa vem cumprindo seu papel, fortalecendo o vínculo entre universidade e escola, com suas práticas de ensino sendo aplicadas semanalmente nas aulas de História, diversificando, assim, o ambiente escolar, buscando a participação do aluno em aula. A cada semana é realizada uma atividade diferente, isso desperta e chama a atenção do aluno, claro que cada prática aplicada é de acordo com o currículo da escola e com os temas que constantes do programa da disciplina.

O planejamento se dá em conjunto com o supervisor e este direciona as temáticas para que os pibidianos planejem as aulas e atividades diversas de acordo com os conteúdos que estão elencados para a disciplina, no período letivo. Este exercício será muito importante, para o futuro exercício da profissão. Dessa forma, o planejamento orientado pela supervisão e alinhado às temáticas em foco não só enriquecem a jornada de formação, mas também capacita os pibidianos para se tornarem educadores mais eficazes e preparados para o ambiente profissional que os aguarda.



Isto só se torna possível com a entrada precoce na escola, tendo acesso a realidade na qual se encontra a educação no país. Não podemos falar sobre nosso campo de atuação e pesquisa se não conhecemos as suas demandas, dificuldades, e possibilidades que temos, para refletir sobre a necessidade de um ensino mais qualificado. Para isso, é preciso entender a realidade das escolas e dos alunos e assim conseguiremos contribuir de forma significativa com a educação.

Portanto, fica evidente a importância do PIBID para a formação dos futuros professores de História, pois o programa não só os qualifica, mas também possibilita uma experiência de extrema importância, trabalhar em equipe no planejamento e execução de uma proposta de trabalho junto ao bolsista de supervisão, contribuindo de forma integral para a formação de alunos graduandos e com os projetos das instituições de ensino, tanto a escola quanto a universidade.

5 AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu professor de História Jose Adelson Lopes Peixoto que também é coordenador do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e ao professor Brunemberg Da Silva Soares, por todo apoio e dedicação para a entrega desse trabalho.

À escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite e toda gestão escolar por nos terem recebido na escola e ter aberto as portas para o programa durante todo o período em que ficamos na instituição. Aos alunos que nos receberam e participaram ativamente de nossas aulas e se dedicaram ao máximo com nossas propostas de aulas mais interativas.

À CAPES, por financiar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/ UNEAL).

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Ministério da Educação**: A importância do PIBID 2018. Disponível em [http:// www....](http://www....) Acesso em 09/02/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



MONTEIRO, Ana Maria. **Ensino de História Sujeito, Saberes e Práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

NÓVOA, António *et al.* Espaço de Educação, tempos de formação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 1995, v. 39 n° 1.